

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O FALO E AS PSICOSES

*Lauro Barbosa*<sup>1</sup>

## RESUMO

Em *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971), Lacan observou a face psicótica dos casos de transexuais apresentados no livro *Sexo e Gênero* de Robert Stoller, realçando que tal observação foi eludida por Stoller, justamente, por lhe faltar qualquer referência ao conceito de forclusão. Desde o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose* (1957-58), Lacan havia pontuado a presença de um *gozo transexualista* em Schreber através do *Esquema I*, bem como pôde descrever em *O aturdido* (1973) o efeito de *empuxo-à-mulher* que se especifica na psicose de Schreber. Em aspectos gerais, a leitura lacaniana introduziu à teoria psicanalítica um campo rico que não está alheio aos contextos das psicoses e de sua tendência à feminização. Se, a partir de Lacan, alguns psicanalistas consideram a transexualidade enquanto um fenômeno próprio ao campo das psicoses, o presente artigo objetiva interrogar tal consideração remetendo-se aos fundamentos que constituem a teoria das psicoses em Freud e Lacan através de uma investigação sobre a tendência à feminização nas psicoses, decorrente da forclusão do Nome-do-Pai e da *zerificação* do falo, introduzindo uma dialetização: mesmo que as psicoses, através da noção de *empuxo-à-mulher*, possam se aproximar à transexualidade em alguns casos, ambas não são, necessariamente, correspondentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nome-do-Pai. Falo. Forclusão. Gozo transexualista.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Sudeste do Pará; Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Folha 31, Quadra 7, Lote Especial, s/n, 68507-590, Marabá, PA. (94) 21077101. [laurosb@gmail.com](mailto:laurosb@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A teoria lacaniana das psicoses, a partir da noção de forclusão do significante Nome-do-Pai tornou-se fundamental à prática psicanalítica, uma vez que inaugurou a possibilidade de uma *clínica das psicoses* por introduzir “a concepção a ser formada do manejo, nesse tratamento, da transferência” (LACAN, 1957-58/1998, p.590), justamente, quando torna possível pensar a psicose enquanto estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão:

“é um acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome- do -Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1957-58/1998, p.582).

As estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) dizem respeito ao posicionamento do sujeito frente à castração, e conseqüentemente, para cada estrutura, a castração determinará o acesso do sujeito ao mundo simbólico de um modo específico. No cerne da teoria lacaniana, uma vez que a metáfora paterna assume um papel central, articulam-se dois grandes conceitos referentes à entrada do sujeito no simbólico: o *Nome-do-Pai*, como aquele que significa a Lei e o desejo, visto que “a lei está a serviço do desejo que ela institui pela proibição do incesto” (LACAN, 1964/1998, p. 866); e o *Falo*, o qual a função imaginária representa o “pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561).

Em seu retorno a Freud, Lacan verifica que, no primeiro tempo do complexo de Édipo, ou há *Bejahung* ou há *Verwerfung*. O primeiro termo conduz ao segundo tempo do Édipo, concernente à divisão do campo das neuroses (*Verdrängung*) e das perversões (*Verleugnung*). Já o segundo, o conceito de *Verwerfung*, – ou Forclusão, segundo a tradução lacaniana – a teoria psicanalítica, de Freud a Lacan, lhe atribui o estatuto de mecanismo específico da psicose, designando que não só o significante Nome-do-Pai, não está inscrito no simbólico, como também, e em consequência, o Falo.

Lacan demarca uma diferença radical entre neurose e psicose, em que a forclusão está para as psicoses assim como o recalque para as neuroses, o

que implica dizer que as consequências dessas respostas diante à castração não são as mesmas, e, por conseguinte, o manejo da transferência no tratamento também não será igual.

É graças a este trabalho que “o conceito de psicose, pela primeira vez desde Feuchtersleben<sup>2</sup>, recebeu um significado rigoroso” (MALEVAL, 2009, p. 276), permitindo diferenciarmos com clareza o campo das psicoses do das neuroses. Como bem pontua Alberti (1999, p.08), nessa estrutura, “a fala do Outro é uma ordem, exigência – assim como sua presença – da qual o sujeito não pode escapar, não cabendo lugar para uma fala que o sustentaria como desejante”. Tal condição – ao contrário da neurose, em que o significante Nome-do-Pai possibilita para o sujeito a metaforização do desejo do Outro e o abandono da posição de objeto, advindo um sujeito do desejo – faz do psicótico, quando desencadeada a psicose, uma testemunha do inconsciente a céu aberto. O psicótico é um “mártir do inconsciente” (LACAN, 1955-56/2002, p. 153).

O conceito de forclusão desconstrói a noção de uma impossibilidade da clínica psicanalítica com psicóticos e esclarece que “usar a técnica que ele [Freud] instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia” (LACAN, 1957-58/1998, p. 590).

Como sabemos, Freud desconsidera a possibilidade de tratamento psicanalítico aos psicóticos quando cita em *A dinâmica da transferência* (FREUD, 1912/1992, p. 118) que a transferência com pacientes paranoicos se torna essencialmente uma transferência negativa. No entanto, a cautela sobre o tratamento de psicóticos anunciada em Freud nos parece suficientemente adequada. Se, posteriormente, ele (FREUD, 1924a/1992, p 216) entende que “somente o estudo psicanalítico dos neuróticos pode oferecer uma preparação a um entendimento das psicoses”, a sua primeira atitude de não aconselhar uma clínica das psicoses parece revelar “um reconhecimento, ao mesmo tempo precocíssimo e preconceituoso, da especificidade da transferência psicótica”

---

<sup>2</sup> O médico psiquiatra Baron Ernst von Feuchtersleben recebeu o crédito de primeiro autor a utilizar o termo 'psicose' no livro *Os princípios da Psicologia Médica*, de 1845 (BEER, 1996, p. 274).

(ALLOUCH, 1997, p. 433). Reconhecimento exposto em um de seus últimos trabalhos: “temos de renunciar à ideia de experimentar nosso plano de cura com os psicóticos; renunciar a ele talvez para sempre ou talvez apenas por enquanto, até que tenhamos encontrado outro plano que se lhes adapte melhor” (FREUD, 1938/1992, p. 174).

## **O CONCEITO DE *VERWERFUNG***

Apesar de a teoria psicanalítica ser construída a partir da clínica com neuróticos, é fato que Freud inaugura uma investigação psicanalítica sobre as psicoses. Desde o *Rascunho H* – texto que realiza uma das primeiras referências clínicas à paranoia na obra freudiana –, ao averiguar a importância do delírio para o paranoico, Freud estipula as pontuações iniciais para a criação de uma teoria das psicoses: “a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra ideia intoleravelmente penosa. Assim, [essas pessoas] *amam seus delírios como a si mesmas*. É esse o segredo” (FREUD, 1895/1992, p.251) – o que, posteriormente, resulta em uma de suas contribuições fundamentais quando esclarece que “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, a reconstrução” (FREUD, 1911/1992, p.65).

Como nos lembra Coutinho Jorge (2003, p. 35), “o psicótico, por meio da produção do delírio, tenta suprir a falta da instauração da fantasia. Na psicose, é essa capacidade de frear o empuxo – ao gozo, que a fantasia presentifica a todo instante para cada um de nós, que não aparece”. Se Freud, em *A Perda da realidade na neurose e na psicose* (1924b), averigua que, na psicose, a ideia delirante se substitui à realidade porque esta é tão insuportável que passa a ser negada, a sua investigação não só esclarece que a psicose não é o delírio, como também se aproxima de detectar a existência de um mecanismo de defesa específico da psicose.

A concepção teórica de mecanismo específico da psicose e suas opções terminológicas em Freud são problemáticas. Um dos primeiros termos empregados a propósito da psicose é o termo *Verwerfung*, em *As neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1894/ 1992, p. 59): “existe uma modalidade de defesa muito mais enérgica e eficaz que consiste no fato de que o eu rejeita (*verwerfen*) a

representação insuportável junto com o seu afeto, e se comporta como se a representação nunca tivesse ocorrido”.

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), Freud corrige a concepção da projeção, exposta anteriormente, como uma rejeição que ocorre de imediato para o exterior: “não era exato dizer que a sensação reprimida (*unterdrückt*) no interior era projetada para o exterior; reconhecemos antes que o que foi abolido (*das Aufgehobene*) no interior volta do exterior” (FREUD, 1911/1992, p. 78), o que se aproxima da noção de *Verwerfung*.

A problemática fica mais evidente quando certas “opções terminológicas de Freud podem ser por vezes enganadoras, particularmente quando fala de recalque a propósito da psicose” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 196), como averiguado em trechos do texto sobre Schreber, revelando a dificuldade de formular uma concepção teórica a respeito da defesa psicótica.

Somado a isto, “nos diversos textos de Freud existe uma ambiguidade indubitável quanto ao que é rejeitado (*verworfen*) ou recusado (*verleugnet*) quando a criança não aceita a castração” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 197). Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925a), Freud aproxima a noção de *Verleugnung* ao mecanismo da psicose: “surge um processo que eu gostaria de designar pelo nome de recusa (*Verleugnung*), processo que parece não ser nem raro nem muito perigoso na vida da criança, mas que no adulto seria o ponto de partida para uma psicose” (FREUD, 1925a/1992, p. 271-272).

Já em *Esboço de Psicanálise*, Freud (1938a/1992, p. 203) aponta que “a causa precipitadora da irrupção de uma psicose é ou que a realidade se tornou insuportavelmente penosa ou que as pulsões tenham cobrado um esforço extraordinário”. Ora, desde as suas primeiras publicações, ele descrevia a defesa psicótica em termos parecidos: “o eu arranca-se à representação insuportável, mas esta está indissolivelmente ligada a um fragmento da realidade e, realizando esta ação, o eu desligou-se também total ou parcialmente da realidade” (FREUD, 1894/1992, p. 60).

Tal concepção torna-se mais clara com aquela exposta em *História de uma neurose infantil* (1918), quando, após esclarecer que “uma repressão [*Verdrängung*] é algo muito diferente de uma rejeição [*Verwerfung*]” (FREUD,

1918/1992, p. 74), Freud diz ter conhecido a atitude de seu paciente diante da castração: “[O *homem dos lobos*] rejeitava [a castração] e apegava-se à teoria de relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia rejeitado, é que não quis nada saber sobre a castração, no sentido do recalque. [...] Era como se ela não tivesse existido” (FREUD, 1918/1992, p. 78).

Apesar das diversas opções terminológicas, algumas contraditórias, diríamos que o estudo freudiano acerca da defesa psicótica aponta em um sentido, o qual permite Lacan evidenciar observações cruciais acerca dessa problemática. Apoiando-se no texto *A negativa* (1925b/1972), no qual Freud fala de duas operações: *Einbeziehung ins Ich* (introdução do eu/sujeito) e a *Ausstossung aus dem Ich* (expulsão para fora do eu/sujeito). Lacan descreve a primeira destas operações relacionada à *Bejahung*, afirmação primordial; e a segunda associada à *Verwerfung*, equivalente a não operação da afirmação primordial – “essa *Verwerfung* está implicada no texto da *Verneinung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176). Tal como observou Hyppolite (1971, p. 56), têm-se “duas formas primeiras: a força de atração [*Einbeziehung*] e a força de expulsão<sup>3</sup>, ao que parece, sob o domínio do princípio do prazer”. Nesse contexto, “estabelece-se uma primeira dicotomia: o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o qual cai sob o golpe da *Verwerfung* terá um outro” (LACAN, 1955-56/2008, p. 100), isto é, “há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176).

Se Freud destaca em sua investigação sobre o *Homem dos Lobos* que o sujeito não queria nada saber da castração, no sentido do recalque, e a palavra *Verwerfung* aparece conectada a essa ideia, Lacan apodera-se desse desenvolvimento: “não me prendo especialmente ao termo, prendo-me ao que ele quer dizer” (LACAN, 1955-56/2008, p. 177). Na leitura lacaniana, portanto, a *Verwerfung* corresponde ao mecanismo específico da estrutura da psicose,

---

<sup>3</sup> “Sem que Freud use aí o termo *Verwerfung*, é mais fortemente ainda acentuado, já que ele coloca *Ausstossung*, que significa expulsão” (HYPPOLITE, 1971, p. 52).

como exposto em *O Seminário, livro 03: As psicoses (1955-56)*, quando é possível diferenciar os sintomas na neurose e as alucinações na psicose:

Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que, no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquelas circunstâncias e não a ameaça de castração. [...] O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois, o recalque e o retorno do recalado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. [...] tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real (LACAN, 1955-56/2008, p. 21-22).

Na *Verwerfung*, ausência de *Bejahung*, trata-se “da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível” (LACAN, 1955-56/2008, p. 178). Consiste na forclusão primordial de um significante fundamental – o Nome-do-Pai enquanto significante da lei e do desejo e o falo enquanto significante da castração – para fora do universo simbólico do sujeito, tal como exposto em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose (1957-58)*:

A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1957-58/1998, p.564).

Se fica claro pensar a psicose como uma estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão, observamos uma passagem do complexo à estrutura, com o conceito de forclusão elevado à categoria de conceito operatório, o ponto capital para pensar a estrutura psicótica. Sabemos que “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171). Falta ao psicótico, portanto, o que funda a significação, isto é, o significante primordial Nome-do-Pai: a significação do falo “é, com efeito, na economia subjetiva, tal como a vemos comandada pelo inconsciente, uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561), que deve ser evocada “no imaginário do sujeito pela metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 563). Se toda significação é fálica, o psicótico, por não instituir simbolicamente tal significante, realizará outra articulação entre

significante e significado, diversa da metáfora paterna. Não se trata aqui de uma indiferença ao pai, mas uma defesa radical diante da Lei.

O sujeito fica tão impactado diante da castração que “expulsa qualquer possibilidade de inscrevê-la simbolicamente, o que lhe trará consequências nefastas, a partir das quais o sujeito é impelido a trabalhar para barrá-las” (ALBERTI, 2011).

Quando desencadeada a psicose, o inconsciente está a céu aberto: por não existir a possibilidade de utilizar-se do significante Nome-do-Pai, não há mais velamento e, por exemplo, se escuta vozes que vem do Real. Eis a relação entre a *Verwerfung* e a alucinação: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgem no real” (LACAN, 1955-56/2008, p. 22). O esquema L de Lacan, “figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, a e a’, e suas relações imaginárias” (LACAN, 1955-56/2008, p. 23). Quando a alucinação reaparece no real, ela nos mostra que “o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (LACAN, 1955-56/2008, p. 24).

A relação entre *Verwerfung* e alucinação pode ainda ser vista no caso do *Homem dos Lobos*, “o qual não deixa de testemunhar tendências e propriedades psicóticas” (LACAN, 1955-56/2008, p. 21). Freud expõe o relato do paciente quando, aos cinco anos, corta o seu dedo brincando com uma faca:

Estava brincando no jardim perto da babá, fazendo cortes com meu canivete na casca de uma das nogueiras que aparecem em meu sonho também. De repente, para meu inexprimível terror, notei ter cortado fora o dedo mínimo da mão, de modo que ele se achava pendurado, preso apenas pela pele. Não senti dor, mas um grande medo. Não me atrevi a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas alguns passos de distância, mas deixei-me cair sobre o assento mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de dirigir outro olhar ao meu dedo. Por fim, me acalmei, olhei para ele e vi que estava inteiramente ileso (FREUD, 1918/1992, p. 79).

Freud (1918/1992, p. 79) presume que “essa alucinação pertence ao período no qual foi levado a reconhecer a realidade da castração”. A relação observada por Lacan entre o fenômeno elementar e o nada querer saber sobre a castração, traduz-se pelo aforismo citado acima: aqui que é foracluído do simbólico, retorna no real.

## A ZERIFICAÇÃO DA REFERÊNCIA SIMBÓLICA AO FALO E O GOZO TRANSEXUALISTA EM SCHREBER

O complexo de Édipo é essencial à sexualidade porque “introduz o funcionamento do significante como tal na conquista do dito homem ou mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p 221). O sujeito, diz Lacan (1957-58/2008, p. 208), “encontra o seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade; e essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico”, pois “é pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza e a mulher aceita sua função feminina” (LACAN, 1955-56/2008, p. 208). Se a entrada do significante é determinante na lógica da sexuação, a forclusão do Nome-do-Pai compromete essa sexuação. Sobre a relação do sujeito com o sexo e com a linguagem, Lacan (1955-56/2008, p. 283) questiona: “as duas vertentes, macho e fêmea, da sexualidade, não são dados, não são nada que possamos deduzir de uma experiência. Como poderia o indivíduo se achar nisso aí, se ele não tivesse o sistema do significante? ”.

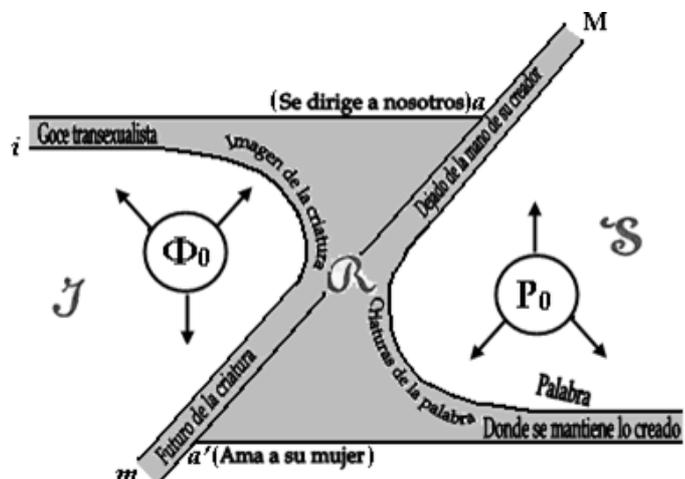
O significante Nome-do-Pai tem uma função estruturante quanto à assunção do sexo do sujeito. A forclusão compromete a relação com o falo e, conseqüentemente, a identificação com o sexo, ser homem ou mulher. O Presidente Schreber nos mostra isso. Ainda no período pré-psicótico, ele é bruscamente invadido por uma imagem, “aquela menos propícia, parece, para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo, segundo a qual deveria ser belo ser uma mulher sendo copulada” (LACAN, 1955-56/2008, p. 225). Ele vive algo da ordem da perplexidade logo após a indicação para *Senatspräsident*: “por ter que ser o falo, ele estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571). Esse período de confusão incide acerca de seu sexo, demonstrando certa impossibilidade de acesso a algo que possa realizá-lo no tipo viril.

Desencadeada a psicose, não há em Schreber “nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, transformado em mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p. 286), posto que a *zerificação* do falo ( $\phi = 0$ ) impossibilita o acesso a virilidade – forma de dizer que não existe o homem na psicose e qualquer aproximação ao tipo viril ocorre por

um mecanismo de compensação imaginária. Diante da forclusão do Nome-do-Pai, “será preciso que o sujeito dela se encarregue e assume a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem” (LACAN, 1955-56/2008, p. 239).

A investigação da feminilidade nos expõe que “ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito” (LACAN, 1955-56/2008, p. 207). Se “Schreber se vê forçado a eviração, é porque a falta de metáfora simbólica abre um verdadeiro furo” (POLLO, 2002, p. 96). Furo este associável ao feminino, na medida em que “não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal” (LACAN, 1955-56/2008, p. 206). No entanto, na histeria – neurose de base –, “a desvantagem em que se acha a mulher quanto ao acesso à identidade, [...] transforma-se numa vantagem, graças à sua identificação imaginária com o pai, que lhe é perfeitamente acessível, em virtude especialmente de sua posição na composição do Édipo” (LACAN, 1955-56/2008, p. 202). Já na psicose, torna-se visível a tendência à feminização, efetivamente estipulada por Lacan através do termo “empuxo-à-mulher”, no texto *O aturdido* (LACAN, 1973/2003, p. 466). Se Schreber relata a imagem da copulação quando indicado a assumir um cargo de considerável importância, temos na sequência a sua transformação em mulher, isto é, “seu corpo é progressivamente invadido por imagens de identificação feminina as quais ele abre a porta, deixa apoderar-se” (LACAN, 1955-56/2008, p. 299).

Lacan constrói o esquema I para exemplificar o ocorrido:



Diante da eviração, Schreber encontrará uma maneira para resolver a falta simbólica que se revelou no campo imaginário onde estavam ancoradas as suas identificações imaginárias sexuais. Ao contrário de uma fantasia homossexual, Lacan aponta através do *Esquema I*, exposto acima, a presença de um gozo transexualista.

Se a transformação em mulher é centro do delírio de Schreber, podemos perceber que “não é por estar foracluído do pênis, mas por ter que ser o falo, que estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571), pois a “adivinhação do inconsciente adverte o sujeito, desde muito cedo, de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, 1957-58/1998, p. 572). Como desenvolvemos anteriormente, em Schreber, ser a mulher de Deus, procriando uma nova raça de homens, torna-se um significante funcionando como metáfora delirante (BARBOSA e ALBERTI, 2015, p. 281), isto é, “o sujeito será não simplesmente uma mulher, passível de ser tomada como objeto a pôr um homem, mas toda-mulher, uma Outra não castrada e não castrável: A Mulher que falta aos homens” (POLLO, 2002, p. 96).

## OS TRANSEXUAIS EM LACAN

Há poucas situações sobre os transexuais em Lacan. Quando retoma a dialética imaginária do descobrir e do surpreender, Lacan (1956-57/1995, p. 277) cita um de seus pacientes transexuais que, em uma apresentação de paciente, descreve “o caráter realmente dilacerante da surpresa dolorosa que ele experimentou no dia em que, pela primeira vez, viu sua irmã nua”.

Por conseguinte, ao retomar a tese intitulada *Sexo e Gênero* de Stoller, Lacan (1971/2009, p. 30) destaca que o transexual demonstra um “desejo muito enérgico de passar, seja por que meio for, para o sexo oposto, nem que seja submetendo-se a uma operação, quando se está do lado masculino” e pontua o “caráter completamente inoperante do aparato dialético” com que o autor trata a questão sobre os casos de transexuais, em específico, complementa Lacan (1971/2009, p. 30): “uma das coisas mais surpreendentes é que a face psicótica desses casos é completamente eludida pelo autor, (...) já que nunca lhe chegou aos ouvidos a foraclusão lacaniana”.

Em *O Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-72), Lacan destaca a errância no ato de realizar a execução de retirada do órgão sexual, justamente, porque o transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual:

Nessas condições, para aceder ao outro sexo, é necessário realmente pagar o preço, justamente o da pequena diferença que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que significa ser o órgão. Um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante. É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, o qual, como enunciado, é impossível. Existe apenas um erro, que é querer forçar pela cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real (LACAN, 1971-72/2012, p. 17).

Sobre a errância e a psicose, Sonia Alberti desenvolveu em uma mesa-redonda<sup>4</sup> que Lacan, uma vez leitor assíduo de James Joyce, aprendeu um fazer com a linguagem que lhe permitiu equivocalidades – tais como o título de seu seminário *Les non-dupes errent* (Os não-tolos erram), ainda inédito, associado foneticamente com o sintagma *Les noms du père* (Os nomes do pai) –, o que o introduziu em um campo que não está alheio aos contextos da psicose e da errância, no entanto, ambos se avizinham sem serem, necessariamente, a mesma coisa.

Ao nos remetermos aos fundamentos que constituem a descoberta freudiana e o ensino de Lacan, fica claro a possibilidade de empuxo-à-mulher nas psicoses, posto que o psicótico se posiciona do lado de fora da partilha dos sexos, no entanto, não encontramos substratos suficientes para definir a transexualidade enquanto um fenômeno próprio ao campo das psicoses. Pelo contrário, mesmo com todo o debate sobre identidade de gênero e, em específico, sobre a transexualidade – vale ressaltar que não abordamos aqui o fenômeno em mulheres –, se “seja com o que for que a psicanálise lide na clínica,

---

<sup>4</sup> Contribuições a questões cruciais da Psicanálise quanto à sexualidade a partir de uma clínica para além das neuroses no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental em 2016.

jamais se trata de outra coisa que não do sujeito” (ALLOUCH, 1997, p. 387), o fenômeno transexual deve ser analisado caso a caso.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Apresentação. In: ALBERTI, S. (org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na disciplina Questões da clínica psicanalítica II, durante o período de agosto a dezembro de 2011.

ALLOUCH, J. **Marguerite ou a “Aimée” de Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

BARBOSA, L; ALBERTI, S. A questão da procriação feminina na estrutura psicótica. In: **Revista Trivium**. Ano VII, Ed.2, p. 269-285, 2015.

BEER, M. Psychosis: A history of the concept. In: **Comprehensive Psychiatry**. Vol. 37, p. 273-291, 1996.

COUTINHO JORGE, M. A Pulsão de Morte. In: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de Psicanálise, nº 26, p. 23-29, Outubro, 2003.

FREUD, S. (1894). Las neuropsicosis de defesa. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1895a). Manuscrito H: Paranoia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1911). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1912). Sobre la dinámica de transferencia. In: FREUD, S. **Obras Completas** vol.XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1924a). Breve informe sobre el psicoanálisis. FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1924b). Der Realitätsverlust in Neurose und Psychose. In: FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a.M., S.Fischer, V. III, 1972.

\_\_\_\_\_. (1925a). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

\_\_\_\_\_. (1925b). Die Verneinung. FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a. M., S. Fischer, V. III, 1972.

\_\_\_\_\_. (1938a). Esquema del psicoanálisis. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.

HYPOLITE, J. **Ensaio de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1971.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1955-56). O Seminário, Livro 03: **As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1956-57). O Seminário, livro 04: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-58). O Seminário, livro 05: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. (1964). O Seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1971). O seminário, livro 18: **De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALEVAL, J-C. **Locuras histéricas y psicosis dissociativas**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

POLLO, V. A paranoia e o saber. In: QUINET, A. (org.). **Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.

STOLLER, R. Sex and gender: The development of masculinity and femininity. London: Karnac Books Ltd, 1974.

## CONSIDERATIONS ABOUT PHALLUS AND PSYCHOSIS

### ABSTRACT

In the *Seminar, book 18: On a discourse that might not be a semblance* (1971), Lacan observed the psychotic face of the cases of transsexuals presented in Robert Stoller's *Sex and Gender*. According to Lacan, Stoller's account lacks reference to the concept of forclusion. In the text *on a question preliminary to any possible treatment of psychosis* (1957-58), Lacan emphasized the presence of transsexualist enjoyment in Schreber through *I-Scheme*, as well as being able to describe in *L'étourdit* (1973) the effect of *push-towards-woman* relationship specified in Schreber's psychosis. Lacanian reading has introduced to the psychoanalytic theory a rich field that is related to the contexts of psychosis and its tendency to feminization. Considering that since Lacan's writings some psychoanalysts view transsexuality as a phenomenon peculiar to the field of psychosis, this article aims to question this approach by referring to the foundations that constitute the theory of psychosis in Freud and Lacan. It will be done by the investigation of the tendency to feminization in psychosis, which results from the forclusion of the Name-of-Father and the *zerification* of the phallus. The point in question is: even though the psychosis, through the notion of *push-towards-woman*, can approach transsexuality in some cases, both do not necessarily match.

**KEYWORDS:** Name-of-the-Father. Phallus. Forclusion. Transsexualist enjoyment.

## CONSIDERATIONS SUR PHALLUS ET PSYCHOSES

### RÉSUMÉ

Dans le Séminaire, livre 18: *D'un discours qui ne serait pas du semblant* (1971), Lacan a observé le visage psychotique des cas de transsexuelles présentés dans le livre *Sexe et Genre* de Robert Stoller, soulignant que cette observation a été éludé par Stoller, pour vous toute référence à défaut du concept de forclusion. Dans le texte *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose* (1957-1958), Lacan a souligné la présence de la jouissance transsexualiste dans Schreber par le schema I, ainsi que d'être en mesure de décrire dans *L'étourdit* (1973) l'effet de *pousse-à-la-femme* spécifiée dans la psychose de Schreber. La lecture lacanienne a introduit la théorie psychanalytique un champ riche qui n'est pas étrangère au contexte de la psychose et de sa tendance à la féminisation. Considérant les écrits de Lacan, quelques psychanalystes voir transsexualité le phénomène propre au domaine de la psychose, cet article vise l'approche de cette question se référant aux fondations par qué la théorie constituer de la psychose chez Freud et Lacan. Il se fero par l'enquête de la tendance à la féminisation dans la psychose, qui résulte de la forclusion du Nom-du-Père et zéro phallus. Le point en question est: même si la psychose, à travers la notion de *pousse-à-la-femme*, peut, dans certains cas, l'approche transsexualité, à la fois non sont nécessairement liés.

**MOTS-CLÉS:** Nom-du-Père. Phallus. Forclusion  
Jouissanceranssexualiste.

*Considerações sobre o Falo e as Psicoses*

Recebido em: 08-03-2017

Aprovado em:13-04-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)